

MIEKO KAWAKAMI

SEIOS
E ÓVULOS

Tradução
Renato Carreira

|||||
casadasletras

ÍNDICE

LIVRO UM – 9

1. ÉS POBRE? – 11
2. SER MAIS BELA – 41
3. DE QUEM SÃO AS MAMAS? – 52
4. SAIR PARA COMIDA CHINESA – 75
5. A NOITE EM CLARO A FALAR – 88
6. O LUGAR MAIS SEGURO DO MUNDO – 123
7. TUDO O QUE É IMPORTANTE PARA TI – 144

LIVRO DOIS – 171

8. ONDE ESTÁ A TUA AMBIÇÃO? – 173
9. TODAS AS PEQUENAS FLORES – 194
10. ESCOLHE DAS OPÇÕES SEGUINTEs – 210
11. ESTOU TÃO FELIZ PORQUE HOJE... – 227
12. FELIZ NATAL – 259
13. NADA FÁCIL – 296
14. MANTER A COMPOSTURA – 342
15. PEGAR OU LARGAR – 382
16. A ARDER – 424
17. NÃO LARGAR – 461

I

ÉS POBRE?

Se quiserem saber quão pobre alguém foi enquanto crescia, perguntem-lhe quantas janelas tinha. Não perguntem o que tinham no frigorífico ou no armário. O número de janelas diz tudo. Mesmo tudo. Se não tinham nenhuma ou se talvez tivessem uma ou duas, não precisam de saber mais nada.

Lembro-me de dizer isto a alguém uma vez. Não me lembro de quem foi, mas foi uma coisa que a alvoroçou muito.

– Mas... E se tiveres uma janela, mas é enorme, com vista para o jardim ou coisa parecida? Como aquelas janelas grandes muito boas, percebes? Como pode isso querer dizer que és pobre?

Para mim, ninguém que tenha sido pobre poderia pensar assim alguma vez. Vista para o jardim? Uma janela grande e boa? Quem tem um jardim? E que raio pode tornar uma janela «boa»?

Para as pessoas pobres, o tamanho da janela nem sequer é um conceito que compreendam. Ninguém tem uma vista. Uma janela é só um vidro fosco escondido atrás de prateleiras de contraplacado demasiado cheias. Quem sabe se abre, sequer? É um retângulo gorduroso ao lado do exaustor avariado que a vossa família nunca usou e nunca usará.

Só sabem o que significa ser pobre ou têm o direito de falar sobre o assunto se tiverem tido experiência pessoal. Talvez sejam pobres agora. Talvez tenham sido pobres no passado. Eu sou as duas coisas. Nasci pobre e continuo pobre.

O que me fez voltar a pensar nisto tudo foi a rapariga sentada à minha frente. A Linha Yamanote estava estranhamente vazia para um dia de verão. Ninguém interagiu. Todos olhavam fixamente para os seus telefones ou liam romances de bolso.

A rapariga teria oito anos, talvez dez. À sua esquerda, estava um rapaz com um saco de equipamento desportivo aos pés e, à direita, havia um par de raparigas mais velhas com grandes fitas pretas a prender o cabelo. Parecia sozinha.

Aquela miúda era magra de mais. A sua pele morena tornava ainda mais difícil ignorar as manchas de psoríase. Calções cinzentos, pernas tão magras como os braços que saíam do seu *top* turquesa. Os lábios estavam pressionados e tinha os ombros rígidos. Recordava-me a mim própria quando era miúda. Isso pôs-me a pensar no que significa ser pobre.

Olhei para a gola esticada do seu *top* e para os ténis encardidos, que teriam começado por ser brancos. Quão horrível seria se abrisse a boca e todos os seus dentes estivessem podres? Percebi que não tinha mala. Nem mochila nem pasta ou carteira. Teria o dinheiro e o bilhete no bolso? Não sabia como se vestiam raparigas da idade dela quando precisavam de apanhar o comboio, mas o facto de não trazer nada deixou-me preocupada.

Tive um impulso de me levantar do meu lugar para lhe dizer alguma coisa, alguma coisa que mais ninguém percebesse, como as pequenas anotações que se fazem num canto

do caderno quando sabemos que mais ninguém as lerá. Mas que poderia eu dizer? Talvez alguma coisa sobre aquele seu cabelo com ar crespo e sem movimento, ou talvez sobre a sua pele. A tua psoríase vai passar quando cresceres. Não deixes que te afete. E se lhe perguntasse como eram as suas janelas? Nunca tive janelas que permitissem ver lá para fora. Tu tens?

Vi as horas. Meio-dia em ponto. O comboio avançava através do calor lânguido do verão. Do altifalante por cima, uma voz abafada anunciou que a paragem seguinte seria Kanda. Na estação, as portas abriram-se com um som de algo a ser furado e um velho bêbado cambaleou para dentro do comboio. Os passageiros à volta dele recuaram instintivamente. O velho deixou escapar um gemido baixo. A sua barba grisalha, esfiapada como lã de aço, pendia numa massa emaranhada sobre os botões da sua indumentária castigada. Segurava um guarda-chuva transparente muito amassado numa mão e ergueu a outra para um dos apoios para as mãos, mas falhou o alvo e cambaleou. A porta fechou-se e o comboio seguiu caminho. Quando voltei a olhar, a rapariga já lá não estava.

Pus os pés na estação de Tóquio e parei ao ver toda aquela gente. De onde vinham? Para onde iam? Parecia mais uma qualquer competição estranha do que uma multidão. Tive uma sensação solitária de que era a única ali que não conhecia as regras. Tentei respirar enquanto segurava desesperadamente a alça da minha mala.

A minha primeira visita à estação de Tóquio tinha sido dez anos antes, no verão em que completei vinte anos. Foi num dia como aquele, em que nunca era possível limpar todo o suor.